

Artigos

A psicopedagogia e os contos de fadas na educação infantil

Caroline Cândido Soares¹, Edivânia da Silva Ferreira Carvalho², Isabella Guanini Fagundes³,
Claudineia Conationi Silva Franco⁴

¹Graduado em Pedagogia, Faculdade UbiBF

²Graduado em Pedagogia, Faculdade UbiBF

³Graduado em Pedagogia, Faculdade UbiBF

⁴Professora de curso superior, Faculdade UniBF, Doutora em Biologia Celular e Molecular- PBC – UEM

✉ carol2051soares@hotmail.com, carvalhoedivania5@gmail.com, isabellaguanini@gmail.com, clauconationi@gmail.com

Palavras-chave:

Contos Infantis.
Psicopedagogia.
Crianças.
Fases do Desenvolvimento.
Práticas de Intervenção.

Resumo

Quando se trabalha com crianças deve-se levar em conta o seu universo, que pode ser imaginário ou real, mas é necessário que os educadores consigam fazer uma ponte entre esses mundos, para que assim a criança possa evoluir e fechar cada ciclo do seu desenvolvimento. Os contos de fadas auxiliam e dão suporte ao educador nesse processo, não se esquecendo que as estruturas lógicas e simbólicas do ser humano são formadas de maneira inconsciente. O presente estudo aborda a importância dos contos de fadas na educação infantil para a formação da personalidade da criança, bem como estes podem servir de auxílio para as práticas de intervenções nas dificuldades do ensino-aprendizagem, além de trabalhar a autoestima, o afetivo e cognitivo e social do educando, visando as fases do desenvolvimento pueril. Para a realização deste estudo foi utilizado para os resultados alcançados, firmando-se assim a necessidade da narrativa de histórias como ferramenta auxiliadora na didática pedagógica, abordada em sala de aula, proporcionando mais prazer ao educando, condizente com as necessidades apresentadas.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas não devem ser apenas vistos de uma forma tradicional, mas sim com uma nova perspectiva, pois cada vez que se lê uma história, a mesma deve ser salientada com o foco para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

As estratégias que cada educador assume faz toda a diferença na vida acadêmica dos educandos. Ao fazer uso de recursos, o narrador não só da vida a história como também auxilia no avanço do imaginário de cada educando, ajudando assim na dificuldade de ensino e aprendizagem de uma forma lúdica e divertida.

Dessa forma a realização deste projeto no ensino de educação infantil busca mostrar para os alunos, e toda a equipe pedagógica, a importância da contação de histórias no ensino aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do desenvolvimento da criança.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A origem dos contos de fadas

Os contos de fadas tiveram origem folclórica com intuito de amedrontar e orientar o público ouvinte acerca dos perigos e conflitos entre homem e natureza daquela época. As histórias eram difundidas como mitos, alimentado pela magia sobrenatural, pelo mistério de vida e crenças daquela época (CORSO & CORSO, 2006).

2.2 Contos infantis

O começo dos contos de fadas (era uma vez), aguça a imaginação da criança a navegar em um período que não condiz com o atual, fazendo com que ela entre em um mundo de fantasias onde tudo pode acontecer e há sempre um final feliz (BETTELHEIM, 2019).

No momento da contação, deve-se considerar a interpretação e a visão individual de cada um, seja de conflitos internos ou de aceitação da realidade. A magia dos contos de fada é a técnica oral que incentiva o poder imaginativo do ouvinte, segundo Corso e Corso (2006, p. 17): “todos os tipos de expressões auxiliam a criança a compor seu repertório imaginário, para abordar os enigmas do mundo e desejo”.

Contar uma história é um modo de amparar as crianças na angústia, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento, além de validar suas experiências interiores, sejam elas conscientes ou inconscientes (BETTELHEIM, 2019).

2.3 Contos infantis e a psicopedagogia

Os contos infantis tem sido um grande aliado no processo de desenvolvimento cognitivo, auxiliando na formação de valores éticos e morais. No fim do século XIX, Freud (1905) destacou em suas obras, as variadas fases das crianças em seu processo de formação, sendo elas:

1 - Fase Oral (período de 0 a 1 ano aproximadamente): Nessa fase o prazer da criança está totalmente ligado a boca, experimentando o mundo através desta. Seu principal objeto de desejo é o seio da mãe que a alimenta.

2 - Fase Anal (período de 1 a 3 anos aproximadamente): Neste período, a zona de maior satisfação da criança caracteriza-se pela região do ânus, descobrindo que pode controlar sua evacuação. Além disso, é nessa fase que o indivíduo tem o sentimento de realização e independência, começando assim a ter noção de higiene, oferecendo suas fezes para a mãe seja como um presente ou como punição.

3 - Fase Fálica (período de 3 a 6 anos aproximadamente): Nesta etapa, a criança não diferencia a anatomia entre os sexos, acreditando assim que tanto os meninos como as meninas possuem um pênis, voltando assim sua atenção para a região genital. Nessa fase também ocorre o complexo de Édipo, onde o menino fica fascinado pela mãe e apresenta uma rivalidade com o pai e a menina o inverso.

4 - Fase de Latência (período: de 6 a 11 anos aproximadamente): É neste período que a criança se volta para o mundo exterior, deslocando sua libido para atividades sociais e escolares.

5 - Fase Genital (período a partir de 11 anos de idade): É quando tem início a adolescência, onde o indivíduo busca um objeto de amor e prazer fora do círculo familiar. É o período de maior mudança de

identidade, pois há a perda da infância para que aos poucos este assuma a sua identidade adulta (BETTELHEIM, 2019).

2.4. Diagnóstico psicopedagógico

Para que o profissional consiga realizar o diagnóstico de um problema de aprendizagem, segundo Paín (1985) os seguintes fatores devem ser considerados:

1- Fatores Orgânicos: aqueles ligados ao organismo, sendo eles saúde física, problemas cognitivos e até mesmo má alimentação.

2- Fatores Específicos: se qualificam pela a área da adequação perceptivo-motora.

3- Fatores Psicógenos: fatores ligados a problemas emocionais, tais como depressão infantil, inibição, ansiedade, sentimento de rejeição, traumas e etc.

4- Fatores Ambientais: estão ligados a quantidade e qualidade de estímulos e a disponibilidade de acesso de lazer e aprendizado, além do meio em que a criança está inserida, seja esse validante ou invalidante.

O psicopedagogo, o professor e o psicólogo devem realizar um trabalho cooperativo para que possam notar a evolução do sujeito, elaborando hipóteses e teorias em busca da resposta no tratamento de cada indivíduo, sendo estas usadas para base e suporte teórico (CHAMAT, 2004).

2.5 Práticas e intervenções para as dificuldades e problemas de aprendizagens

As intervenções acerca de cada diagnóstico serão únicas, diferenciando-se de acordo com o caso. Os profissionais do meio necessitam ter experiência com o sujeito, reconhecendo suas dificuldades de aprendizagem. Conhecer o sujeito que está na sala de aula é primordial. Cada profissional deve estar atento junto dos pais acompanhando a evolução de cada sujeito, buscando sempre a melhora do aluno e práticas que facilitem o processo de ensino aprendizagem (CHAMAT, 2008).

Segundo Chamat (2004), as práticas necessárias que podem contribuir no processo de ensino aprendizagem são:

- Planejamento das Atividades: estas devem ser cuidadosamente desenvolvidas com o enfoque no pedagógico e no cognitivo da criança;
- Cronograma Pedagógico: estipular momentos para coleta de dados e acerca destes trabalhar de forma informal e lúdica;
- Pontuação, Assinalamento e Interpretação operacional: observar em quais pontos há menos desenvolvimento e buscar novas formas para melhorá-los.
- Intervenção em Sala de Aula: trabalhar de forma individual, observando sempre a heterogeneidade de seus educandos.
- Professor Auxiliar: em alguns casos, há a necessidade de um profissional qualificado para o apoio e suporte da criança no desenvolver das atividades em sala de aula;
- Sala de Apoio Pedagógico: onde profissionais especializados trabalharão de forma diferenciada os pontos em quais o aluno apresenta dificuldade.
- Contação de Histórias: prática para que as crianças desenvolvam seu cognitivo, além de trabalhar problemas internos, tais como a baixa autoestima, a aceitação do eu, entre outros.

2.6 Psicopedagogia clínica: diagnóstico e tratamento de problemas de aprendizagem

Todo diagnóstico psicopedagógico é uma análise do que não está indo bem no indivíduo, onde busca-se obter uma compreensão no seu modo de aprender e quais os desvios que estão acontecendo durante

esse processo. No diagnóstico psicopedagógico deve-se considerar os aspectos social, escolar e a vida pessoal do aluno, identificando os obstáculos que impedem o educando de evoluir no meio educacional (WEISS, 2016).

Os atos praticados pelo educador em sala de aula de alguma forma afetam o aluno em seu cognitivo e emocional, acarretando em diversos problemas de aprendizagem. A cobrança, a linguagem e o modo de explicar são os responsáveis, muitas vezes, pelo fracasso dos alunos. No seio familiar outros fatores afetam o desenvolvimento da criança, tais como a ausência afetiva, família desestruturada, e outros (WEISS, 2016).

2.7 Atuação dos contos de fadas no desenvolvimento psíquico da criança

Através dos contos de fadas, a criança aprenderá de forma inconsciente a lidar com alguns de seus problemas internos, recebendo as respostas corretas para enfrentá-los e a passar por estes (BETTELHEIM, 2019).

Diante dos assuntos abordados nota-se que vários dos fatores psicógenos podem ser tratados por meio dos contos de fadas, pois ouvir histórias infantis é como desenhar um mapa imaginário que indica seu lugar na família e no mundo. Afinal, o conto de fadas é uma bússola para a criança, pois é através deste que ela irá perceber que passará por momentos que irão de um estágio para o outro. Caso esse ciclo não seja fechado, a criança, futuramente, apresentará problemas de insegurança, aceitação e muitas vezes de personalidade, sendo estes muitas vezes relacionados a alguns problemas de aprendizagem (BETTELHEIM, 2019).

A psicopedagogia mantém relação entre o brincar e o aprender tornando o ato deste algo prazeroso, além disso ela é responsável por melhorar as condições no desenvolvimento cognitivo de crianças que enfrentam dificuldades aprendizagem (CHAMAT, 2008).

A contação de histórias é uma prática que proporciona melhorias na aquisição do conhecimento, muitas vezes a mesma vêm cheia de significações, além de auxiliar no desenvolvimento do imaginário. No entanto, ao ser feita com uma boa dramatização e sequência didática promove a transmissão de conhecimentos, incentiva a criatividade e a interação com o meio, amplia o vocabulário, possibilita associações a sua própria vivência, fazendo com que o educando concretize conceitos e regras, estimulando neste o desejo de leitura e melhora de sua atenção, concentração e memorização (CHAMAT, 2008).

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de campo com caráter exploratório, contendo questões abertas e fechadas com os educadores da entidade Escola Municipal 27 de Novembro E.I.E.F. de Paraíso do Norte, e uma pesquisa de caráter objetivo com os educandos da mesma instituição, as atividades foram realizadas em sala de aula com alunos do nível V.

O método de pesquisa utilizado é o de abordagem qualitativa. Segundo Neves (1996) a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos. Ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos.

“[...] não busca enumerar ou medir eventos e, realmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos.” (NEVES, 1996, p. 01).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização do projeto foi levado em conta a necessidade de discussão do tema em salas de educação infantil, tendo em vista que este é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, o tema “Contos de Fadas” foi abordado com conteúdo e atividades diversificadas que auxiliaram para a execução da presente pesquisa.

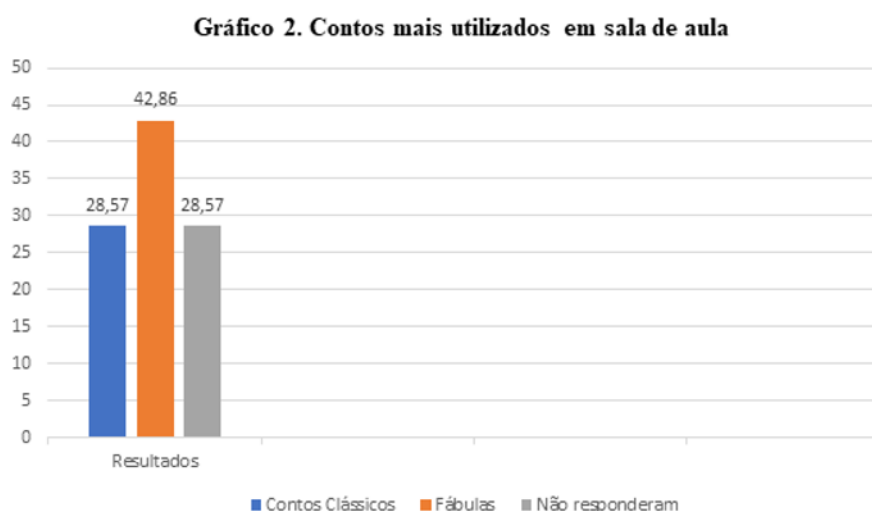
Em um primeiro momento, antes da elaboração do projeto teórico, realizou-se uma visita à instituição, apresentando o tema proposto para pedagoga e a diretora, onde estas se colocaram à disposição para auxiliar no esclarecimento de dúvidas. Com o consentimento destas, foi realizada uma pesquisa exploratória com as docentes dos níveis IV, com o intuito de coletar dados acerca da utilização dos contos infantis em sala de aula, apontando os mais utilizados no meio escolar, quais os métodos que as educadoras utilizam no momento da narração da história e se há alguma mudança no processo de ensino aprendizagem de seus alunos.

Com base nas respostas da pesquisa foi constatado que todas as professoras entrevistadas fazem uso dos Contos de Fadas.



Fonte: As Autoras (2019).

Ao serem questionadas sobre quais os contos mais utilizados em sala de aula constataram-se que:



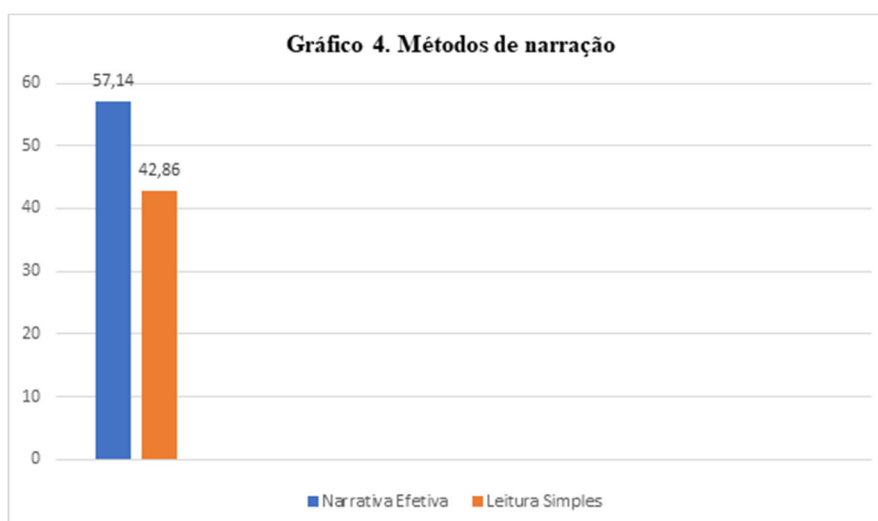
Fonte: As Autoras (2019).

Indagadas sobre as mudanças no processo de ensino aprendizagem todas afirmaram que sentem a diferença no processo de ensino e aprendizagem.



Fonte: As Autoras (2019).

Quanto aos métodos de narrações, observou-se que mais de 50% utilizam uma forma emotiva de envolver de narrar de acordo com o gráfico:



Fonte: As Autoras (2019).

O desenvolvimento do projeto realizou-se no turno vespertino, iniciado com a discussão a respeito de sentimentos, tendo como ferramenta de auxílio a distribuição de emoticons de um aplicativo que eles já fazem uso, possibilitando maior interação com a dinâmica proposta, levantando o questionamento para os alunos sobre como eles estavam se sentindo no momento da dinâmica. Os sentimentos apresentados pelos educandos a partir da atividade proposta foram: feliz, triste, indiferente, espantado, amando e pensativo. Durante a realização da atividade, constatou-se que 1 alunos definiu se sentir assustado, outro aluno se sentiu indiferente, 5 alunos definiram seus sentimentos como amando/gostando, e os outros 13 educandos expuseram seus sentimos como estando felizes.

Dando continuação na sequência didática, houve a contação de história: “O MÁGICO DE OZ”, para sua narração foi utilizado a dramatização, com intuito de entretenimento dos mesmos; em seguida foi elaborada uma roda de conversa e uma análise crítica da história sancionando algumas dúvidas a respeito desta.

Logo após foi disponibilizado folhas para que eles desenhassem suas cenas favoritas relacionadas a história. Analisando detalhadamente cada desenho percebeu-se que a maioria dos desenhos eram bastante coloridos e cheios de detalhes.

Corroborando com Perondi (2001, citado por Possa e Vargas 2019, online):

[...] os desenhos podem ser inspirados por circunstâncias não previsíveis, porém, frequentemente eles se relacionam por acontecimentos próximos ou por circunstâncias similares às experiências já vividas. Reforçando o autor acima, muitas crianças desenharam no dia-a-dia o que lhes chama a atenção por apresentar aspectos relevantes na sua vivência familiar, escolar ou social.

Com base em Campos (ANO) antes contação de história de “O MÁGICO DE OZ” foi analisado cinco desenhos escolhidos aleatoriamente, constatando através da localização no papel, a pressão ao desenhar, a caracterização do traço, a simetria do desenho e os detalhes, que:

Caso 1: Sentimento de perda afetiva, insegurança emocional e retraimento; (Anexo A)

Caso 2: Mostrou-se autocentrado, autodirigido e desejo de ordem; (Anexo B)

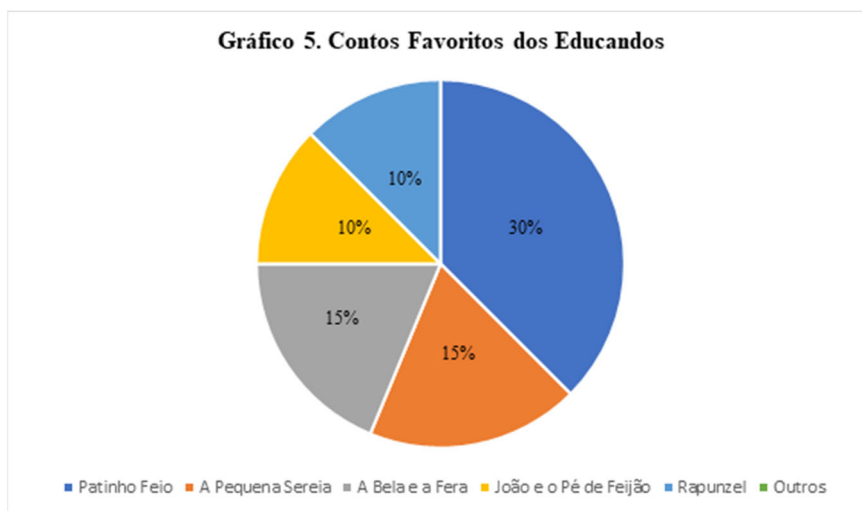
Caso 3: Comportamento impulsivo, insegurança emocional, introversão e agressividade; (Anexo C)

Caso 4: Insegurança, sentimento de vazio e busca de satisfação na fantasia; (Anexo D)

Caso 5: Baixo nível de energia, repreensão e insegurança; (Anexo E)

Feito isso, foi solicitado para exporem novamente seus sentimentos após a história ouvida do “Mágico de OZ”, neste momento observou-se que 2 alunos expressaram sentimento de medo (um do mesmo aluno citado acima permaneceu com a imagem que representava sentimento de medo), 13 se sentiram felizes, e 6 amaram a historinha. Já os demais exibiram seus sentimentos a partir de imagem que representavam amei e feliz. (De acordo com o anexo F).

Em seguida, realizou-se uma pesquisa para coleta de dados referente aos contos de fadas preferidos de cada criança, o qual foi possível observar que o conto mais ouvido e apreciado pelos alunos é o do “Patinho Feio” como mostra o gráfico 5 a seguir:



Fonte: As Autoras (2019).

Para a finalização do projeto, agradecemos a atenção e participação dos alunos, e ao apoio da professora regente e estagiária da sala, sendo assim foi distribuído para cada aluno, uma lembrança referente ao tema abordado com intuito de despertar a alegria e incentivar a prática da leitura.

5 CONCLUSÃO

Em virtude do que foi explícito no presente estudo, concluiu-se que quando utilizados em sala de aula, os contos de fadas são de grande valia, pois tornam-se um instrumento facilitador e auxiliador na prática do educador, salientando o uso destes principalmente em casos onde o educando apresenta dificuldades na aprendizagem.

A pesquisa com os docentes contribuiu para a consolidação e esclarecimento dos métodos que os mesmos utilizam no momento da contação de história e qual o posicionamento da classe em relação a essa prática manuseada.

Na realização da apuração dos fatos com a turma constatou-se que os alunos demonstram seus sentimentos a partir de desenhos e com base neles o mediador pode analisar e identificar as divergências de cada indivíduo, além de determinar onde encontram-se os fatores responsáveis pelo impedimento na aquisição do conhecimento.

Admite-se que os estudos das fases do desenvolvimento psicosssexual de Freud são reais e estas podem ser confirmadas por intermédio da contação de histórias, pois é através desta que a criança recebe respostas para seus conflitos internos causadores dos problemas de aprendizagem, que muitas vezes estão ligados ao inconsciente.

REFERÊNCIAS

25 Clássicos Da Literatura Infantil Brasileira. Disponível em: <http://notaterapia.com.br/2016/10/10/25-classicos-da-literatura-infantil-brasileira/>. Acesso dia 14 outubro 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CAMPOS, Clara Alice Itto de; DUARTE Márcia Regina; LIMA Taís. **Os contos de fadas e a psicopedagogia: buscando soluções para os problemas da escrita.** São Paulo: Vetor, 2011.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem internacionalista.** São Paulo: Vetor, 2004.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem.** São Paulo: Vetor, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos e arquétipos.** São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006. **Desenvolvimento Psicosssexual.** Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/desenvolvimento-psicosssexual/39697>. Acesso em 02 outubro 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2006.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Cadernos de Pesquisas em Administração. v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

O desenho na Educação Infantil. Linguagem e expressão da subjetividade. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd193/desenho-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em 15 outubro 2019.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de intervenção.** Petrópolis: Vozes, 1995.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1985.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.